

INTERAÇÕES ARTÍSTICAS DO GRAFFITI NAS RUAS DE NATAL/RN

José Duarte Barbosa **Júnior**¹
Lisabete **Coradini**²

*Con el graffiti, la pintura regresa a los muros,
donde nació antes de convertirse en cuadro. El
graffiti combina la escritura y la imagen como sólo
los grandes maestros orientales de la caligrafía
sabían hacer*

Joseph María Catalá

Introdução

Neste texto a cidade é tomada numa perspectiva antropológica a partir de dados de pesquisa etnográfica realizada na cidade do Natal/RN – Brasil entre os anos de 2015 e 2018³. A pesquisa buscou abordar as visões sobre a cidade, a partir da perspectiva dos artistas Raom e Pok em seus trabalhos de *graffiti* e *pixo*⁴. Essas visões foram capturadas, pela *fotografia* e pela *narrativa das experiências* por eles vividas nos espaços da cidade.

Ao expressar os pensamentos de indivíduos e coletivos, e promover uma interação entre diversas estéticas, o graffiti nos desafia a tomar a cidade em sua

1 Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil.

2 Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Brasil.

3 Os dados aqui apresentados diz respeito a esse período, ainda que venhamos coletando dados de anos anteriores ao projeto de pesquisa de doutorado “Urbanidades negociadas e a construção das imagens da cidade do Natal/RN – Brasil” orientada pela professora Lisabete Coradini no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da UFRN na linha de pesquisa “Espaços, imagens e tecnologia”.

4 As duas categorias possuem histórias diferentes, no entanto, estão agrupadas em inúmeras formas nas cidades contemporâneas. No Brasil a grafia “pixo” se diferencia da grafia formal com “ch” do verbo “pichar” e do substantivo “pichação” (de sentido pejorativo) e palavra “graffiti” tem sido utilizada para agrupar uma diversidade de estéticas da arte de rua. Utilizaremos, a partir daqui de forma mais abrangente, a forma escrita “graffiti” por seu sentido plural (do italiano “grafito”) já que é possível abarcar inclusive suas formas híbridas como no caso dos artistas aqui abordados. Para uma discussão dessas formas ver FRANCO, 2009; CAMPOS, 2007 e GITAHY, 1999.

dimensão imagética e aprender a olha-la novamente. Essa interação artística na cidade só é possível, se considerarmos que “toda a imagem (...) nos oferece algo para pensar: ora um pedaço de *real* para roer, ora uma faísca de *imaginário* para sonhar”; e, que “toda imagem é portadora de um pensamento, isto é, [ela] veicula pensamentos” (SAMAIN, 2012: 22).

Nesse sentido, as imagens grafitadas da cidade, as cabeças, *personas* ou os seres alados do Raom e olhos do Pok, pensam, comunicam e interagem na paisagem urbana:

Independentes de nós – autores ou espectadores – toda imagem, ao combinar nela um conjunto de dados sógnicos (traços, cores, movimentos, vazios, relevos e outras tantas pontuações sensíveis e sensoriais), ou ao associar-se com outras(s) imagem(ns), seria “uma forma que pensa” (SAMAIN, 2012: 23).

Figura 1: Cabeça de perfil olhando ao longe (Raom).



Fonte: Elaborado pelos autores (2015).

As interações que resultam desses trabalhos expressam-se numa profusão das imagens, que se agrupam na paisagem urbana. O conjunto dessas imagens coexistem, se cruzam e se chocam provocando no observador um olhar estupefato (CANEVACCI, 2008). As imagens disputam os suportes na cidade criando muitas vezes um aspecto “caótico”. Ainda que o graffiti e o pixo, sejam ícones de uma questão territorial e

contestatória, a constituição do espaço imagético da cidade abarca também outros agentes que interagem nesse universo e disputam o olhar cidadão: *outdoors*, *cartazes*, *letreiros luminosos*, *fachadas comerciais*, *propagandas de serviços* (detetive, pintor, cartomante, conserto de cinto, imunizadora); *sinalizações diversas do estado* (de rodovias, espaços públicos, monumentos, área militar); *sinalizações de acesso e impedimento de acesso* (cuidado!, risco de choque!, cão antissocial).

Figura 2: “Olho observante” (Pok).



Fonte: Elaborado pelos autores (2016).

Para abordar e refletir sobre a cidade grafitada recorreremos a pesquisa recente sobre o tema nas ciências sociais e na antropologia (CORADINI, 2016; DIÓGENES, 2015, 2012; PEREIRA, 2010; CAMPOS, 2007), na geografia (SANTOS, 2015; COSTA

e DOZENA, 2014), na educação (COELHO, 2015), nas políticas públicas e no desenvolvimento urbano e regional (COSTA, 2016; CRUZ, 2016); como também a produção no próprio meio artístico e não necessariamente acadêmico (GRUD, 2017; 2013; MANCO ET AL, 2014). Esses trabalhos apontam para uma complexidade que envolve o graffiti como prática urbana, a legalidade e ilegalidade, o uso da esfera virtual, as dinâmicas da pixação nas capitais do Brasil, a cultura visual do graffiti, a construção da paisagem através do graffiti, a espacialização do graffiti e da pichação, o estudo de cidades criativas e a catalogação da arte urbana.

Como forma concreta de realização da pesquisa, realizamos caminhadas por regiões centrais de grande fluxo na cidade a partir do bairro de Lagoa Nova⁵ espraiando-se depois para outros bairros da cidade como a Ribeira, a Cidade Alta, Petrópolis e Ponta Negra, bem como a exploração de ruas vicinais e espaços de menor fluxo. Essas caminhadas foram inspiradas na *etnografia de rua*, já que se tratou de um exercício de deslocamento em nossa própria cidade explorando seus espaços e territórios. Uma etnografia da cidade através das suas imagens era, portanto, uma etnografia *da e na* rua, “na exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas ‘sem destino fixo’ nos seus territórios” (ROCHA e ECKERT, 2013: 23).

Esses procedimentos permitiram mapear as artes inscritas em diversos suportes como muros, prédios abandonados, portas de rolo de prédios comerciais, terrenos baldios, terminais telefônicos e caixas elétricas de semáforos. Em seguida, chegamos aos artistas cujos trabalhos mais se repetiam nos trajetos que realizamos. Foram eles o Pok e o Raom (nomes com os quais assinam seus trabalhos), dois jovens artistas cuja atuação na rua, em galerias da cidade e nas redes sociais, permitiram que estabelecêssemos uma interlocução. Mais tarde acompanhamos eventos realizados em diferentes lugares da cidade como em bares e galerias.

Foram encontros como o 1º Encontro de Graffiti de Macaíba em 2013, (município da região metropolitana de Natal); o On Area Natal street art II no ano de

5 Duas informações ajudarão ao leitor a entender um pouco a escolha desse ponto de partida espacial: em primeiro lugar, como diremos mais à frente, trata-se de uma nova centralidade na cidade do Natal/RN; depois, a pesquisa indicou a existência de equipamentos urbanos em regiões do bairro que são usados efetivamente como suporte da arte de rua.

2015 que produziu o “painel das cores”, o maior mural de graffiti da cidade localizado na Avenida do Contorno, bairro da Cidade Alta e contíguo à comunidade do Passo da Pátria; e, o InarteUrbana em 2016 que, além de ser um evento da arte urbana, é um projeto sociocultural atuando na comunidade do Passo da Pátria; que trouxeram mais familiaridade da cena, dos artistas e do *modus operandi* da arte de rua na cidade. Outros eventos como o Territórios Urbanos Ampliados – Natown em 2015, a criação do Dia do Graffiti (projeto de Lei nº. 10/2016) e, finalmente, as exposições dos artistas em questão entre os anos de 2015 e 2017 em bares e galerias da cidade: *Between*, *Enquanto seu Lobo não vem*, *Espaço Duas*, bar e café *Mahalila*, e rodas de conversa permitiram que mergulhássemos um pouco mais nesse universo.

Buscamos realizar uma etnografia abarcando experiências vividas na cidade de Natal/RN, situada na convergência de dinâmicas urbanas complexas que envolve, de forma saliente, *arte*, *juventude* e *ativismo*⁶. Nessa convergência, conjuga-se a tensão entre a *cultura objetiva* e a *cultura subjetiva*⁷, que parece ser particularmente significativa sobre a “juventude”, suscetível aos processos formais e institucionais de educação escolar, aos produtos tecnológicos e às tecnologias de comunicação, à etnicidade, às práticas de lazer e tempo livre, à violência urbana (especialmente no quadro da vitimização); como também dos descompassos sociais e históricos sobre o que se reconhece culturalmente e socialmente enquanto juventude⁸.

O contexto em que a produção dessas imagens ocorre é o da cidade contemporânea, capitalista e desigual. Natal, capital do estado do Rio Grande do Norte, não é uma exceção. Evidencia-se nesse quadro a reprodução da desigualdade no espaço, a incapacidade das administrações em ofertar políticas capazes de dialogar com as transformações em curso na metrópole. Um fenômeno simultâneo nesse quadro diz respeito ao trânsito, principalmente com relação ao transporte público somado há um

6 Chamamos aqui “ativismo” a ação efetiva de transformação da realidade, notadamente nos processos em curso na cidade. Para uma discussão sobre ativismos na cidade ver Frúgoli Jr. (2018).

7 Não obstante essa tensão envolve fortemente a “vida mental” tal como colocado por Simmel (1979) a respeito dos estímulos, da busca da preservação da subjetividade e da *atitude blasé*.

8 Para uma discussão aprofundada sobre juventude ver Pereira (2007) e Feixa (2006).

quadro crescente de automóveis circulando na cidade. Ressaltamos esse aspecto, pois, ao caminhar pela cidade fotografando e registrando suas dinâmicas, percebemos que o seu ritmo está bem mais alinhado ao ritmo dos carros que o da caminhada a pé.

No nosso entender o graffiti também vibra num ritmo acelerado, ritmo dominante nas grandes cidades, no trânsito e para as populações. Em alguns casos a arte não só denota e salienta esse aspecto da dinâmica urbana, como o seu processo se desenrola em consonância com essa rapidez, ou seja, achar um local propício à intervenção, evitar a polícia, os passantes inusitados e mesmo as intempéries do tempo. Em alguns casos, o graffiti também parece ser feito para ser visto rapidamente da janela do carro ou do ônibus como um elemento da paisagem urbana, ou mesmo para que ele “veja” tudo mais o que se passa na cidade, como é o caso do graffiti do Pok que tem como marca principal o olho. Assim a arte de rua está presente no dia a dia da cidade compondo sua visualidade aonde muitas vezes o planejamento urbano está ausente.

Figura 3: Olhos e emaranhados na praia (Pok).



Fonte: Elaborado pelos autores (2017).

Caminhando e refletindo sobre a cidade

Um caso prático dessa realidade ocorre no bairro de Lagoa Nova com os artistas aqui abordados em seus trânsitos e trajetórias⁹, já que se trata de um espaço do ir e vir do trabalho, da faculdade, de casa, dos pedaços de lazer dos artistas. O bairro também é sede da administração do Estado, da UFRN, do DNIT e da Polícia Federal; possui uma significativa rede comercial que vai de lojas de pequeno porte até centros empresariais, shoppings e hospitais. Nos últimos vinte anos, a formação de aglomerados comerciais concorreu para a centralidade, não apenas geográfica, do bairro. Um fato que terminou por lhe agregar valor foi a Copa do Mundo de 2014 que promoveu um *plus* em “renovação urbana”. Ainda que não esteja precisamente dentro do bairro, mas em seu limite, o maior shopping da cidade, o Midway Mall constituiu equipamento de localização estratégica com saliente fluxo em horário comercial. Curiosamente as mobilizações de ordem política têm ocorrido ao longo dos anos, de forma massiva a partir de suas calçadas (no passado essas mobilizações se davam no antigo bairro da Cidade Alta).

Figura 4: Bairro de Lagoa Nova

9

□ Diremos aqui *en passant* que o bairro é (ou foi) um espaço de trânsito para os artistas em suas idas e vindas do trabalho, da faculdade, de casa, do lazer, etc.

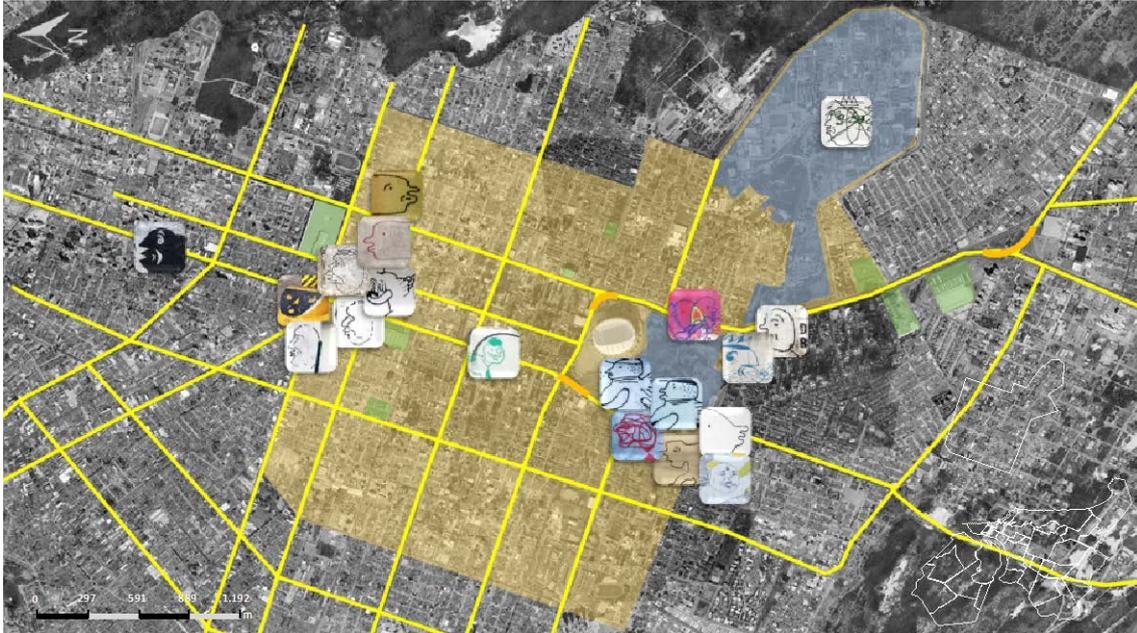


Fonte: Elaborado pelos autores com base na imagem de satélite do Google Earth, 2018 e dados sobre os limites de bairros da Prefeitura Municipal de Natal, 2008.

É nesse contexto socioespacial que pontuamos a inserção dos trabalhos de artistas locais que promovem, por sua vez, uma interação artística na paisagem urbana e vivem essa realidade ao desenvolver uma sensibilidade crítica reproduzida naqueles trabalhos. Ressaltamos que, essas artes estão preenchidas com uma carga simbólica que perpassa a *trajetória individual* de seus autores dentro de um *campo de possibilidades* (VELHO, 2003) e que envolve, por sua vez, um *aprendizado*¹⁰ da e na rua. Em alguma circunstância, as práticas de caminhadas a pé, do uso do transporte público ou particular dos pesquisadores, coadunaram-se com as de seus interlocutores: as destes com o objetivo de encontrar suporte para os seus trabalhos; e, as dos primeiros para mapear as imagens da cidade e abordar as suas dinâmicas.

10 Tal “aprendizado” ocorre, algumas vezes, como H. Becker (2008) descreve em *Outsiders*, ou seja, no ensino da prática e do comportamento da pessoa experiente para o noviço, como ele descreve no caso dos clubes de Jazz. No entanto, a realidade da presente pesquisa mostra que esse aprendizado não ocorre apenas na forma de uma troca/transmissão clássica entre seus pares, entre os pares dos grupos fechados (as *crews*). Diríamos também, que o aprendizado acontece na rua também pelos êxitos e fracassos de experiências individuais, como estar sozinho à noite na rua e ser abordado pela polícia, ser perseguido por estranhos.

Figura 5: Intervenções visuais do Raom no bairro de Lagoa Nova



Fonte: Elaborado pelos autores com base na imagem de satélite do Google Earth, 2018; dados sobre os limites de bairros da Prefeitura Municipal de Natal, 2008; e fotografias dos autores.

Figura 6: Intervenções visuais do Raom no bairro de Lagoa Nova



Fonte: Elaborado pelos autores com base na imagem de satélite do Google Earth, 2018; dados sobre os limites de bairros da Prefeitura Municipal de Natal, 2008; e fotografias dos autores.

Abordando especificamente as imagens da cidade do Natal/RN através dos trabalhos em questão, buscamos seguir a distribuição espacial das mesmas em suas intermitências, como é possível perceber nas figuras 2 e 3. Após um maior aprofundamento, foi possível compreender que a distribuição da arte é resultado dos *trajetos* percorridos por seus autores, dos *pedaços* frequentados, em *manchas* significativas do comércio e do lazer na cidade, ou nos *pórticos*, lugares relativamente distantes ou ocultos das tramas mais frenéticas da cidade (MAGNANI, 2002). Acrescentamos que a relação entre a distribuição do graffiti na cidade com os trajetos percorridos pelos artistas, situa-se dentro de uma complexidade que inclui situações propícias para intervir nos espaços da cidade e a disposição para realiza-las.

Em alguma circunstância, esses deslocamentos realizados pelos artistas na cidade, os quais seguimos parcialmente conforme já mencionado, parecem constituir um movimento, do caminhar e de uma certa errância onde a vida vai sendo vivida, historiada e “traçada ao longo do caminho” (INGOLD, 2011). Da mesma maneira encontra-se artista e pesquisador no “caminhar transurbante”, na “a cidade [que] revela-se um espaço do estar inteiramente atravessado pelos territórios do ir” (: 162).

Uma etnografia da cidade grafitada

Ao se caminhar pelas ruas da cidade é nítido que há uma profusão de lugares; prédios de diversas proporções, finalidades e arquitetura; equipamentos urbanos variados e, claro, a população, expressa nos indivíduos em seus comportamentos e interações. A variedade dos lugares, suas finalidades e características, pode não ser familiar a todos os habitantes de uma cidade, pois os seus fluxos e usos são igualmente variados. Como afirmou Agier parafraseando Jean Bodin, “Não se vê nunca a cidade, apenas se veem situações que se passam na cidade” (BODIN apud AGIER, 2011: 56).

Para nós, essas situações são capturadas pelo olhar dos artistas que as recriam ou criam uma extensão das mesmas através da arte nas ruas da cidade.

O trabalho do Raom ressignifica curiosamente o pixo compondo formas singulares. Com uma única linha o artista dá forma a cabeças, rostos e personas que, em sua complexidade, denota ação e sentimento. Sua arte traz uma crítica da cultura ao evidenciar aspectos invisibilizados da cultura urbana, e mesmo um questionamento do *ser* frente um devir incógnito, obscuro ou caótico; e, faz emergir nos muros da cidade uma série de metáforas, fábulas, histórias que confrontam o estado de vigília da cidade com um mundo do sonho¹¹. O trabalho do Pok também compõe uma forma singular ao amalgamar pixo e graffiti: olhos e emaranhados repetem-se incessantemente pela cidade reforçando uma memória sobre aqueles signos e estabelece uma crítica ao aspecto caótico da cultura urbana, o “Fim Do Mundo” (*FDM*, como assina a sua *crew*¹²).

Assim, percebe-se, nesses trabalhos um “processo vivo”, um “propósito pensante”,

Dentro da categoria arte urbana, considero todo traçado que, mesmo constituindo-se como assinatura, *tag*, designada no Brasil de *pixação*, desenha um propósito “pensante”, anunciando mais que um objeto, um processo vivo (Samain, 2012), um tipo de participação intempestiva na visualidade da cidade (DIÓGENES, 2015: 686).

Um fato observado para os dois casos foi que, através de seus trajetos, constrói-se uma percepção singular sobre os lugares da cidade. Isso quer dizer que, a ação na rua faz do artista um agente que entende a possibilidade de uso do lugar como espaço para expressão e comunicação. O conteúdo desse processo simbólico está situado entre a apreensão do *mundo em volta* (a realidade social), a *atividade desse mundo* (ou seja, a organização de seus grupos), e as *condições reais de perceber* essa relação (como ser

11 Dizer isso, é afirmar que os seres que são desenhados nos muros da cidade, as cabeças ou as palavras desvelam um “inconsciente da cidade” (mais ou menos como prefigurado pelo movimento Dadá [ver CARERI, 2013: 29]) com elementos geralmente indisponíveis, secretos ou inacessíveis ao “estado de vigília”. A arte pode muito bem ser capaz de trazer essas imagens à tona. Isso ocorre também no trabalho do Pok quando se destaca o olho e se distribui em toda a cidade esse “órgão sem corpo” que, como os elementos simbólicos do trabalho do Raom remetem algumas vezes a arquétipos que encontrados nos mitos.

12 “Crew” é o grupo ao qual um grafiteiro ou pixador está associado e, o qual geralmente constitui identidade em torno de uma frase abreviada com as iniciais.

pensante, consciente da posição que ocupa nessa estrutura e da possibilidade de intervir-la).

Os caminhos traçados cotidianamente nas ruas, avenidas e lugares da cidade revelam o ordinário, ou seja, o que parece estar ali sempre; e revelam duplamente “o que não estava ali” ou “o que estava ali” e até então não havia sido percebido. Dessa forma as marcas deixadas nos equipamentos urbanos das cidades nos faz questionar: *O que se vê durante esses trajetos?; O que se apresenta?* Assim:

Quem vive actualmente numa grande cidade por certo está familiarizado com um conjunto de enigmáticos símbolos, rótulos pictóricos e gráficos que constantemente surgem, de forma aparentemente despropositada e errática em locais inesperados. Grande parte desta produção inscreve-se naquilo que podemos identificar como graffiti urbano. Esta é uma linguagem codificada, inacessível aos leigos que se deslocam diariamente, de forma apressada, pelas artérias da cidade. Estas produções não surgem ao acaso, são o resultado de uma manobra perpetrada por indivíduos que partilham um mesmo sentido e propósito. Enquanto forma de expressão, assenta numa série de convenções estilísticas, regras de comunicação e preceitos culturais (CAMPOS, 2009: 16).

Essa perspectiva é apresentada aqui, portanto, através de uma compilação de fotografias, classificadas experimentalmente, abordando os trabalhos do Raom, em seguida os do Pok¹³. Nas imagens seleccionadas, seus autores se valem de figuras que exprimem situações da vida cidadina e buscam interferir na paisagem interagindo com a mesma.

O trabalho do Raom, a nosso ver, é um híbrido de estilos, um traçado, algumas vezes de uma única linha “errante” que dá forma a cabeças, personas e a seres antrozoomórficos que traduzem um pouco as visões do autor em conflito com o mundo das coisas; como ele afirma: “não é uma harmonia, mas uma briga, um embate de sentimentos, de cores, de pensamentos, de estéticas¹⁴”. Consideramos também o trabalho do Pok um híbrido de pixo e graffiti: olhos e emaranhados que se repetem

13 Não iremos esboçar aqui uma biografia exaustiva dos artistas, mas cabe salientar que se trata de homens jovens, *brancos*, pertencentes às camadas médias e portadores do ensino superior, que são ou estavam empregados até a elaboração do presente texto.

¹⁴ Entrevista concedida em maio de 2015.

incessantemente pela cidade criando uma memória sobre a sua mensagem: “[o] lance dos olhos” – afirma o artista – “é esse lance de a gente estar sempre sendo observado¹⁵”.

Esses trabalhos e suas interações criticam, ironizam, questionam práticas sociais e situações da vida cotidiana; fazem, algumas vezes *uso discreto* do espaço inserindo seus trabalhos em cantos, dobras, molduras; e, às vezes, fazem um *uso extravagante*, marcando a paisagem, de forma mais gritante, em pedaços extensos de muros e outros equipamentos.

RAOM: o ritual da cidade onírica.

Nesta sessão dividimos as fotografias em três categorias: “Muros”, “Cabeça estupefata” e “A cidade ritual: cabeças e bestas”. Elas foram selecionadas após uma análise detalhada do acervo fotográfico, composto de 568 fotos.

Em “Muros” há uma seleção de três fotografias panorâmicas feitas em 2015 e 2016. Trata-se de fotografias que têm o objetivo de indicar a inserção da arte na paisagem urbana. Em decorrência do ato fotográfico, ato de registro e de memória, ao analisar as imagens posteriormente, revisitar os locais atinamos para a interação entre as diferentes visualidades no tecido urbano.

Nas fotografias 1 e 2 o objeto central, um aglomerado de muros velhos e calçadas gastas, margeadas por vegetação; trata-se, nos dois casos, de um ser alado, um homem com asas, cuja gestualidade e sombra inferior sugerem movimento de “correr” e, talvez, de “voar”. Na fotografia 1, o trabalho é composto por um texto que reúne, no canto superior direito, palavra e assinatura e, logo abaixo, a *crew* “GFL” (Galados For Life)¹⁶. A interação entre as imagens evidencia-se através das interrogativas: “perdeu?”, “quebrou?”, provavelmente resquícios da propaganda do serviço de chaveiro. Nesta fotografia, é possível perceber a coexistência de diferentes estéticas que revezam sua duração no tempo na disputa pelo espaço. Na fotografia 2 é possível notar que o

15 Palavras do artista em vivência ministrada em setembro de 2016.

16 A expressão “Galado” em Natal/RN pode adquirir vários sentidos, podendo ser uma pessoa “descolada” ou uma pessoa “inconveniente”, variando de acordo com o contexto e o tom da enunciação.

trabalho foi realizado sobre uma propaganda gasta pelo tempo que já não era possível compreender mais seu conteúdo. Na fotografia 3, o espaço externo de um prédio em situação de abandono é usado como suporte. Composto de cinco seres fantásticos, os traços ali dispostos parecem ter sido feitos de forma intermitente justificando a frase: “rua caderno de rascunho”.

Em “Cabeça estupefata” há uma seleção de quatro fotografias na proporção 3x4 feitas nos anos de 2015, 2017 e 2018. Nelas há o registro dos bairros de Lagoa Nova e Tirol e próximo ao maior shopping da cidade. O objeto central das fotos é a cabeça desenhada pelo artista. Trata-se de uma cabeça humana de perfil, cuja expressão transmite “espanto”, “surpresa” ou “torpor”. Na série fotográfica é possível perceber a interação física das pessoas com o espaço. É curioso o fato deste trabalho permanecer por tanto tempo sem atropelos ou remoção.

Em “A cidade ritual: cabeças e bestas” há uma seleção fotográfica com quatro panorâmicas feitas entre os anos de 2015 e 2018. Também nesse caso, trata-se de registros fotográficos que têm o objetivo de indicar a inserção da arte na paisagem urbana. Nesse conjunto parecemos lidar com uma “ontologia”, uma vez que as imagens parecem problematizar “o ser” na relação “humanidade” e “animalidade”. Como se percebe nas fotografias 8 e 11, as formas dos corpos animais se humanizam no desenho de suas cabeças; em seguida, poderíamos mencionar o movimento desses seres que andam pela cidade, espreitam nas esquinas e “ferem a sua matéria”. Na fotografia 10 um homem desce a ladeira íngreme numa das regiões mais emblemáticas da cidade (centro histórico e circuito de lazer de Natal/RN). Na figura 9, um tema recorrente no trabalho do artista, a cabeça. A ideia de “ritual” intitulando a seleção fotográfica diz respeito, à ação social dessas imagens, que traduzem o cotidiano e constituem a vida da cidade. O movimento, que o artista sabe retratar com astúcia, não “descreve” meramente a vida da cidade, mas a ritualiza nessa “performance” que é traça-la e vive-la ao longo da “desarmonia” de seus trajetos.

MUROS



Fotografia 1: “Onde Hai?”. Av. Prudente de Moraes, Lagoa Nova. Janeiro de 2016.



Fotografia 2: “Cabeça: matéria desconstitutiva”. Av. Prudente de Moraes, Lagoa Nova. Janeiro de 2016.



Fotografia 3: “Rua caderno de rascunho”. Av. Prudente de Moraes, Lagoa Nova. Outubro de 2015.

CABEÇA ESTUPEFATA (C.E.)

Av. Bernardo Vieira, Lagoa Nova.



Fot. 4: “CE”, fevereiro de 2015.



Fot. 6: “CE”, fevereiro de 2018.



Fot. 5: “CE”, setembro de 2017.



Fot. 7: "CE", julho de 2018.

A CIDADE RITUAL: CABEÇAS E BESTAS.



Fotografia 8: “No vazio do amanhã”. Av. Prudente de Moraes, Tirol. Julho de 2015.



Fotografia 9: “Sopro”. Rua Militão Chaves com Av. Sen. Salgado Filho, Candelária. Junho de 2018.



Fotografia 10: “Stalker”. Rua Padre João Manoel, Cidade Alta. Maio de 2017.



Fotografia 11: “Rupestre”. Rua Gen. Osório, Cidade Alta. Julho de 2016.

POK: olhos e emaranhados

Nesta sessão também dividimos as fotografias em três categorias: “Terminais telefônicos”, “Cidade Alta/Ribeira” e “Graffiti Praieiro”. Elas foram selecionadas de um levantamento de 165 fotos. Em “Terminais telefônicos” há uma seleção de quatro fotografias na proporção 3x4 feitas em 2017. A ideia de utilizar os terminais telefônicos como suporte se deu a partir de uma viagem ao Rio de Janeiro onde viu esse tipo de recurso. Em Natal/RN, outros artistas que também utilizam as caixas como suporte argumentam que no fato de as mesmas ter sido desusadas pela companhia telefônica, há uma diminuição no risco de interrupção do trabalho e outras injúrias. Para ele:

Quando eu comecei a fazer, vi que a galera começou a prestar atenção nas caixas, que antes eram todas cinza. Então é um lance de um olhar da pessoa, e receber um olhar, é uma coisa de você está observando também. Você pode passar trinta vezes pelo mesmo lugar e só perceber uma vez, num momento mais distraído que você esteja. (...) E é esse lance de você pintar e no outro dia pode não estar mais¹⁷.

Na fotografia 12, o conjunto das imagens que interagem é constituído pelo graffiti, o pixo, a placa de sinalização da rua e o toldo da clínica estética com o slogan: “a arte de fazer beleza”. Focado no verbo “fazer”, o slogan afirma que “beleza” é uma questão de arte (e não necessariamente o contrário) e que o serviço que prestam é o próprio ofício. Para além do difícil trabalho de datar as intervenções: do grafiteiro, do pixador e da prefeitura municipal, todos eles parecem ter atuado na “arte de fazer”.

No caso do grafiteiro e do pixador, a ação sobre a superfície da cidade possui intenções muito diversas, algumas vezes assentadas na coletividade de uma *crew*, algumas vezes na trajetória individual. A inserção na paisagem registrada pela fotografia 12, parece surgir então como interação entre diferentes mensagens, enquanto nas caixas registradas pelas fotografias 13 e 15, situam-se ligeiramente isoladas. Em todos os casos o artista valeu-se de cores vibrantes que confere uma característica

17 Palavras do artista em vivência ministrada em setembro de 2016.

marcante ao seu trabalho, como também se afirma “esteticamente” como graffiti. Nas fotografias 14 e 15 feitas, respectivamente, em maio e julho de 2017, percebe-se a interação e conflito do graffiti com outras mensagens como no caso a propaganda de crédito.

Em “Cidade Alta/Ribeira” há uma seleção de quatro fotografias na proporção 3x4 feitas entre 2017 e 2018. Cidade Alta e Ribeira são os dois principais bairros que compõem o centro histórico de Natal/RN (exceto pela fotografia 17, que está numa zona contígua aos dois bairros no bairro de Petrópolis). Aqui a arte interage com o trabalho de outras pessoas, como se pode ver nas fotografias 16 e 17; e com prédios antigos (fotografias 16, 18 e 19). O contexto dessa região inclui o fato de haver ali uma mancha do lazer potiguar (teatro, bares, ateliers, lojas de comércio) e salienta o aspecto do abandono ou da falta de uma política urbana para os prédios sem uso, fechados há décadas, em processo avançado de deterioração e ruína.

Em “Graffiti praieiro” há uma seleção de três fotografias feitas entre 2017 e 2018. Trata-se de fotos que abordam o graffiti na Praia de Ponta Negra, situada no bairro de mesmo nome. Nesta região da cidade o graffiti interage com o trabalho de outros artistas e com a paisagem da praia urbana. Aqui, como nos casos anteriores, a arte de rua marca o deslocamento de seus autores pelos lugares da cidade; e, são inseridos nos suportes variados. Ao modificar as paisagens urbanas, o artista faz fluir um diálogo entre as imagens, uma interação que indica processos relativos à dinâmica daqueles lugares. Neste caso, indicam que a praia de Ponta Negra carece de melhores cuidados e o graffiti aparece, portanto, em auxílio à essa carência. A arte, é claro, não pavimenta a calçada, não drena o esgoto, não “democratiza” o espaço da praia, mas pode politizar o uso dos lugares.



TERMINAIS TELEFÔNICOS

Fot. 12: “A arte de fazer”. Rua da Saudade, Lagoa Nova. Setembro de 2017.



Fot. 14: “Ondas oculares”. Av. São José, Lagoa Nova. Maio de 2017.



Fot. 13: "Matriz ocular". Av. Alexandrino de Alencar, Tirol. Maio de 2017.



Fot. 15: "Atropelo". Av. São José, Lagoa Nova. Julho de 2017.



CIDADE ALTA/RIBEIRA

Fot. 16: “Vida e morte da cidade”. Av. Câmara Cascudo, Cidade Alta. Fevereiro de 2018.



Fot. 18: “Vida e morte da cidade” (2). Rua Chile, Ribeira. Fevereiro de 2018.



Fot. 17: “Santo pixo”. Rua Cel. Joaquim Manoel, Petrópolis. Abril de 2017.



Fot. 19: “No 52”. Rua Aureliano de Medeiros, Ribeira. Fevereiro de 2018.

GRAFFITI PRAIEIRO



Fotografia 20: “De o olho no mar”. Av. Erivan França, Ponta Negra. Maio de 2018.



Fotografia 21: “Fim do mundo”. Av. Erivan França, Ponta Negra. Junho de 2018.



Fot. 22: “Olho na mureta”. Av. Erivan França, Ponta Negra. Agosto de 2017.

Considerações finais

Nesse trabalho procuramos trazer à tona uma reflexão sobre as visões da cidade, a partir da perspectiva dos artistas Raom e Pok. Estas visões foram abarcadas pela fotografia e pela interlocução nessa etnografia. Partimos da ideia de que *toda imagem nos oferece algo para pensar* (SAMAIN, 2012), o que tornou possível pensar a ideia de uma interação dos trabalhos de graffiti dos nossos interlocutores com uma imagética da cidade. A pesquisa recente indicou que o tema está inserido dentro de uma complexidade que envolve uma série de discussões transversais, sendo uma delas a relação cidade e imagem.

Para tanto foi necessário realizar caminhadas exploratórias na cidade, seguindo o *caminhar transurbante* de Careri, onde a cidade se mostra pelos seus fluxos, ritmos, traços, cores, indo além dos dados oficiais e dos guias turísticos. Junto a essa premissa, nos inspiramos na *etnografia de rua* (ROCHA e ECKERT, 2013) utilizando o registro fotográfico como forma de conhecer a arte de rua, para finalmente conhecê-los e estabelecer um diálogo efetivo. Para tanto foi preciso seguir seus itinerários nas ruas, galerias e demais eventos. Isso exigiu dos pesquisadores uma disponibilidade para acompanhar todas as circunstâncias possíveis dessas manifestações, “flutuar” no sentido de Pétonnet (2008).

Seguindo os trajetos da arte na rua por eles percorridos, criamos um mapa temático indicando com seus itinerários, os pontos onde estão seus trabalhos. A análise fotográfica junto à reflexão teórica sugeriu que lidávamos com imagens repletas de *propósito pensante*. Essas imagens grafitadas da cidade, os seres alados do Raom e olhos do Pok, pensam, comunicam e interagem com a paisagem. Nos oferece para pensar ainda que sua produção ocorre na intersecção entre *arte, juventude e ativismo*, (na primeira dimensão como *forma*, na segunda enquanto *experiência e trajetória de vida* e na terceira como *ação*) sugerindo que as pressões sofridas por aqueles indivíduos encontram eco nos muros da cidade e em seus equipamentos urbanos. Ao percorrer a cidade deixando essas marcas, e promovendo uma interação artística, eles contam histórias traçadas ao longo dos caminhos e retraçam os caminhos através do terreno da experiência vivida (INGOLD, 2011).

A reflexão manteve como fio condutor o entendimento da relação complexa entre imagem, cidade e a ideia de “caos”, a partir do qual se faz uma crítica da cultura

sobre os ritmos que se impõem à vida urbana. Esse entendimento se opera na compreensão da cidade como esse suporte para arte e para inscrição das ideias. A ideia de caos, longe de ser um sinônimo de “desordem”, parece ser um ponto de restauração da urbanidade “onde todas as intenções e vontades estão participando e fazendo uso da cidade”, como afirma o artista Raom¹⁸.

Ao dialogarem entre si nessa interação estética promovida em Natal/RN, essas formas visuais colocam questões sobre a vida na cidade. As imagens da cidade aparecem, portanto, não como formas decorativas ou acessórias, mas ressaltam os conflitos e os sonhos dos seus grupos. As imagens pixadas ou grafitadas nos trajetos da cidade, ao dialogarem entre si explicitam o processo vivo das tramas urbanas, e podem comunicar-se com o passante que, por um momento, permitir-se encher os olhos e refletir seu lugar nessa interação.

Referências

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

BECKER, Howard Saul. *Outsiders: estudos de sociologia e desvio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira. “All City” – *Graffiti Europeu como modo de comunicação e transgressão no espaço urbano*. In: REVISTA DE ANTROPOLOGIA V. 52, Nº 1, SÃO PAULO: USP, 2009.

CAMPOS, Ricardo Marnoto de Oliveira. *Pintando a cidade. Uma abordagem antropológica do graffiti urbano*. Universidade Aberta: Lisboa, 2007.

CANEVACCI, Massimo. *Fetichismos visuais: corpos erópticos e metrópole comunicacional*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

CARERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. São Paulo: Editora G. Gill, 2013.

COELHO DE OLIVEIRA, Gustavo Rebelo. *PiXadores, torcedores, bate-bolas e funkeiros: doses do enigma no reino da humanidade esclarecida*. Rio de Janeiro, 2015 (TESE).

¹⁸Entrevista concedida em março de 2018.

- CORADINI, Lisabete. *As interferências urbanas na cidade de Natal: um ensaio sobre linhas, cores e atitudes*. In.: Revista de Ciências Sociais. Volume 47, N. 1, Fortaleza: UFC, 2016.
- COSTA, Pablo Raniere Medeiros. *Uma leitura da paisagem a partir do graffiti em Natal-RN: subsídios para o estudo das cidades criativas*. Natal/RN: CCHLA/UFRN/PPGEUR, 2016 (DISSERTAÇÃO).
- COSTA, Pablo Raniere Medeiros; DOZENA, ALESSANDRO. *Paredes que falam: simbolismo e transgressão espacial na cidade do Natal – RN*. In.: Geograficidade, v. 4, n.1, 2014.
- CRUZ, Fernando Manuel Rocha. *Ambiente Criativo: estudo de caso na cidade de Natal/RN*. Natal/RN: CCHLA/UFRN/PPGCS, 2016 (DISSERTAÇÃO).
- DIÓGENES, Glória. *Artes e intervenções urbanas entre esferas materiais e digitais: tensões legal-ilegal*. In: Análise Social, 217, 1 (4.o), Lisboa: ICS, 2015.
- FEIXA, Carles. *De Jóvenes, bandas y tribus. Antropología de la juventud*. Barcelona, Ariel, 2006.
- FRANCO, Sérgio Miguel. *Iconografias da metrópole: grafiteiros e pichadores*. São Paulo, 2009 (DISSERTAÇÃO).
- FRÚGOLI JR, Heitor. *Ativismos urbanos em São Paulo*. In: Caderno CRH, Salvador, v. 31, n. 82, p. 75-86, Jan./Abr. 2018.
- GITHAY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1999.
- GRUD, Narcélio. *Concreto: festival internacional de arte urbana em Fortaleza*. Fortaleza: Edição do Autor, 2017.
- GRUD, Narcélio. *A arte urbana do Nordeste do Brasil*. Fortaleza: Edição do Autor, 2013.
- INGOLD, Tim. *Being alive: Essays on movement, knowledge and description*. Londres: Routledge, 2011.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. *De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana*. In.: Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 17, n. 49 - São Paulo, 2002.
- MANCO, Tristan; ART, Lost; NEELON, Caleb. *Graffiti Brasil*. New York: Thames & Hudson Inc., 2014.
- NATAL, Prefeitura Municipal do. *Limites dos bairros de Natal*. SEMURB/ Departamento de Informação, Pesquisa e Estatística: Natal/RN, 2008.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. *As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo*. In: Lua Nova, São Paulo, n. 79, pp. 143-162, 2010.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. *Muitas palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais*. Ponto Urbe: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, v. 1, 2007.
- PÉTONNET, Colette. *Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense*. In: Revista Antropológica. Niteroi, n. 25, p. 99-111, 2 sem., 2008.

SAMAIN, Etienne. *As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens*. In: SAMAIN, E. *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.

SANTOS, Julia Monteiro Oliveira. *Subversão na paisagem: do canto do graffiti ao grito da pixação*. Natal/RN, 2015 (DISSERTAÇÃO).

ROCHA, Ana Luiza Carvalho; ECKERT, Cornélia. *Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana*. In: *Revista Iluminuras*. v. 4, n. 7. UFRGS: 2003.

SIMMEL, George. *A metrópole e a vida mental*. In: VELHO, G. O. (Org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

VELHO, G. *Trajetória individual e campo de possibilidades*. In: *Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

Recebido 09 de setembro 2018

Aprovado 15 de dezembro 2018